



Gaiato

AVENCA

Quinzenário * 28 de Agosto de 1976 * Ano XXXIII — N.º 847 — Preço 25

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo * Director: Padre L...



Casa do Gaiato de Setúbal — «É a mãe-terra a infundir vida e alegria na própria vida destes Rapazes.»

Desabafos...

«A nossa moeda forte, o nosso estímulo de vida, a nossa defesa da miséria, é justamente o trabalho e este — das nossas mãos.»

A frase que dá o tom a este desabafo queríamos-lo estendida a todo o País e profundamente vivida e interpretada no dia-a-dia de cada um de nós. Fartos de palavras inconsequentes, de reivindicações sem sentido e de exageros dos mais variados tons estamos cheios e saturados. Se é certo que queríamos ultrapassada a era da escravatura, seja ela de que natureza for, não podemos desconhecer que o trabalho faz parte integrante da vida do homem e sem ele não se poderá encontrar a sua verdadeira libertação. O mundo criado foi submetido ao homem, é certo; este para o dominar precisa, porém, de trabalhar. O próprio homem é inacabado e imperfeito em seu ser físico, espiritual e moral. A obra de Deus está, por assim dizer, por finalizar. Cabe ao homem completar-se a si próprio nos vários planos enunciados e descobrir e aproveitar os tesouros e as potencialidades que a Natureza lhe oferece ou esconde. Sem riqueza produzida não pode haver distribuição e o consequente bem-estar. O homem deve ser cada vez mais homem, numa tendência dinâmica para uma maior perfeição, seja a que nível o considerarmos. Que digamos não à exploração ou ao privilegiar de grupos ou pessoas, muito bem; abolir o trabalho ou reduzi-lo a simples burla de nada ou pouco fazer, para muito exigir ou solicitar, é não só utópico como autenticamente criminoso.

Todos estamos compenetrados das graves dificuldades por que passa a nossa terra. E «a nossa moeda forte», se é que não queremos o caos; «o nosso estímulo de vida», se buscamos o bem-estar geral e individual; «a nossa defesa da miséria, é justamente o trabalho e este — das nossas mãos». Nunca serão os empréstimos externos ou internos que resolverão, no fundo, os nossos problemas. Sem o suor dos nossos rostos, sem a moderação nas nossas exigências e sem, enfim, um sério e esclarecido sentido cívico da solidariedade global e da complementaridade que a todos nos envolve, tudo redundará em fracasso. Greves e saneamentos selvagens; paralizações de «zelo», sem zelo nenhum; redução de horários até limites inconcebíveis; exigências de ordenados e de regalias para além do razoável — em nada ajudarão o todo e só ilusoriamente beneficiarão o seus

Cont. na QUARTA pág.

LOURENÇO MARQUES

No dia 28 de Novembro, após o pequeno-almoço, eis que chega a mesma chefe da véspera, com a ordem de despejo imediato: «Vamos levar tudo; só deixamos as paredes.»

Percebi pelas palavras e atitudes que nem ela tinha aceitado a solução. Soube depois que foi imposta pelo presidente e com urgência. Como tinha prometido aos rapazes, só os deixar, quando se tornasse impossível a minha presença, e embrutecido pela situação criada, nem reagi. Só lhe disse que nem quinze dias chegariam para retirar tudo, quando nos mandou fazê-lo em dois dias. Retorquiu que vinham três camiões da Reeducação para ajudar. Efectivamente apareceram dois, mais tarde, com dezoito polícias. Viemos a saber porquê. Não esperavam a nossa atitude de colaboração e teriam de nos levar à força. Só quem não deve, não teme!

Sem que pudéssemos intervir, pois estávamos ocupados em carregar os camiões, foram metendo ao bolso alguns objectos de estimação e uso pessoal que encontraram. Depois, na primeira ida deixaram no caminho a nossa melhor máquina de costura semi-industrial. Foi só o começo do destino que levaram muitas das coisas que eram dos rapazes.

A noite, já no Seminário da Namaacha, houve reunião. A camarada chefe, o comissário director, o nosso Quim e eu. Foi-nos dito que a Casa do Gaiato acabou. Assim mesmo. A organização e responsabilidade daí em diante seria deles. Queriam saber a nossa atitude. O Quim respondeu logo que viria embora. Por mim, estava, como

Cont. na TERCEIRA pág.

Calvário

A estrada que de Aveiro segue para a Figueira, serpenteando embora aqui e além, mas permanecendo recta e plana em grandes troços modernos a que a verdura dos prados e extensas matas empresta frescura e aconchego, é tranquila e amena para um passeio reposante. Convida à marcha lenta e observadora.

Assim teria sido para mim nesta manhã de verão se não fora alguém me esperar aflito no seu poiso de dor. Por isso vou mais atento ao desvio para Quiaios do que a tudo o mais.

A placa indicativa está à direita. Retardo o andamento e entro em estrada menos larga e sinuosa. Minutos andados, deparo na berma com um grupo de

peças. Para a viatura e dirijo-me a elas.

— Conhecem por aqui um rapaz doente, chamado Armando?

— Ah! É o meu primo. Fica ali atrás na primeira viela, no portal de madeira.

Retrocedo e penetro na viela arenosa. Estou defronte do portal. Empurro-o e eis-me num quinteiro. À esquerda um curral. Dentro, cama de ferro coberta de roupa pouco limpa. Sentado nela, segurando o rosto, o Armando. À minha saudação corresponde com o levantar da face, deixando neste instante verificar toda a extensão do mal que lhe devora a face. O lábio inferior já não existe. O maxilar negro e carcomido já não tem dentes.

A baba escorre na camisa e ga no esterco do curral. O cheiro é nauseabundo. Quem me disse conhecer a situação deste rapaz doente informou também que serviços especializados da cidade deram como findo o seu trabalho. (Eu diria que o seu trabalho não podiam fazer nada. (Eu diria que nada podiam fazer.) Podiam apenas fazer-me o penso, quando quisesse deslocar-se até lá. para o fazer o Armando que percorrer dezasseis quilómetros. Com o meu olhar atordoado verifico a verdade do que haviam narrado. A verdade é a mesma. Outrora os anjos enunciam aos pastores a presença de

Cont. na SEGUNDA

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Há dias, o telefone tocou. Era uma recoveira dos Pobres, delirante. «F., refugiada de Angola, já recebeu o primeiro subsídio do IARN...!»

Esta Viúva esperava desde Janeiro. E só veio a receber algo em fins de Julho! Quer dizer, não fosse a Conferência, poderia, entretanto, morrer à fome, mais os seus...

No entanto, apesar de tardia, folgamos com a Justiça, «base social sobre que tem de assentar toda a vida e as relações humanas».

PARTILHA — De mãos dadas aos nossos Leitores, vamos sendo recoveiros das suas ofertas, que distribuímos consoante as necessidades: auxílios em dinheiro que não andam longe dos 6.000\$00 mensais; cerca de 5.000\$00 de mercearia para quatro famílias; remédios; e... tudo o necessário à digna subsistência de cada Pobre.

À frente, temos «o costumeado vale de 100\$00 da rua Pascoal de Melo, Lisboa. Coimbra, 250\$00, «para alguém mais necessitado, dos que costumam ser ajudados pela Conferência. É pouco, mas é de boa vontade. E, assim, Deus nos ajude, para depois das férias podermos mandar mais». Boas férias e contamos connosco. O dobro de uma Senhora, visita assídua de nossas Casas. Assinante 26130, 20\$00. «Com um abraço amigo», que retribuimos, «de velha Amiga» de Lisboa, 100\$00 «como de costume». Duas presenças do Casal-assinante 17022: 150\$00. Proveitosa remessa de Elvira — Coimbra. Mais uma presença habitual do Porto, desta vez com 100\$00; é a da Assinante 11162. Cinco vezes mais do Assinante 32337, de Lisboa. E, agora, uma carta com muito interesse:

«Junto envio um vale de 200\$00 para ajudar às grandes necessidades da vossa Conferência.

É, na verdade, uma importância muito pequena, mas parece-me que é tanto quanto posso dar. E digo parece-me porque se, muito a sério, acreditássemos que Deus paga na medida de cem por um, não olháriamos tanto para os nossas próprias necessidades como para as daqueles que nada tendo, tudo esperam dos seus irmãos em Cristo.

Bem nos ensinam a não fazer contas um João de Deus, um Vicente de Paulo, um Padre Cruz e um Padre Américo! As «nossas» contas deveriam ser as que o Pobre tem na mercearia, no padeiro, na farmácia, no senhorio. Mas quase dois mil anos após o nascimento de Cristo — que deu tudo e Se deu todo — ainda não chegámos à generosidade do Amor!

Contra mim falo e só peço que os bem-aventurados do Sermão da Montanha — os Pobres, os famintos, os que choram — saibam atrair sobre os cristãos de Fé pequena um toque da Graça que os abraça na maior das virtudes — a Caridade. E então

saberemos todos dar, não só o que podemos, mas tudo o que temos, e deveria estar ao serviço da Comunidade Cristã. Porque nunca a Justiça Social pode suplantar a Caridade. Aquela pode socorrer materialmente, mas não pode dar amor. E não são só as dores e necessidades físicas que precisam de remédio. Há males morais muito mais pungentes, onde a tal Justiça Social não pode chegar e a Caridade, fruto do Amor, consegue levar esses dons preciosos — porque de Deus — que são a Esperança e a luz reconfortante da Fé.»

Júlio Mendes

Paço de Sousa

LAVOURA — «Santiago pinta o bago». Pois as nossas uvas estão a ficar rosadas; algumas até já estão maduras!

Quanto a batatas este ano tivemos bastantes. Também foram mais os campos semeados.

Houve ainda muita cebola.

Fruta nem se fala! Tivemos que foi uma enchente! Temo-la comido em quase todas as refeições.

O Manuel é o encarregado de a recolher, logo que esteja madura.

Quem passa junto do nosso pomar e vê aqueles pêssegos vermelhinhos, quase a tentar, só não se atreve, porque enfim... Mas até dá vontade de apanhar uma barrigada deles.

FÉRIAS NO TOJAL — As minhas férias eu próprio quis passá-las junto dos Rapazes do Tojal.

Já há bastante tempo que andava à espera de um furo para poder ir lá. mas nunca fui bem sucedido. Então decidi pelas férias. Gostei muito de ter convivido com os companheiros lisboetas. Muitas coisas novas aprendi com eles.

Muitas perguntas me fizeram sobre a nossa vida quotidiana cá em Paço de Sousa e era mais ou menos neste tema que nos íamos entretendo até nos dar o sono.

A coisa que mais me sensibilizou foi a maneira como os mais velhos tratam os mais novos. Em Paço de Sousa é muito raro encontrarmos isso!

Também reconheci o modo como me receberam.

Passé umas boas férias. Pena foi que a segunda semana tenha sido de cama.

PRAIAS — Quanto a praias vou dar-vos uma notícia:

Este ano houve bastantes Rapazes castigados. Ou porque fizeram avarias, ou reprovaram, etc.

Pois que ponham a cabeçinha no seu lugar e para o ano terão a praia.

Aos de Azurara quero dirigir uma palavrinha, especialmente aos que já tiveram as suas férias.

Os Leitores sabem que já é costume, por esta altura, aparecer no jornal uma colunazinha com o título AZURARA, coisa que este ano ainda não aconteceu!

Que se passa com os veraneantes de Azurara? A praia está boa? Está má? Queremos notícias!

RETIRO — As Senhoras foram a um retiro que durou praticamente uma semana.

A sr.^a D. Virgínia também; de forma que o sr. Pe. Carlos assumiu o cargo de supervisor da cozinha!

P'ra frente e p'ra trás, lá ia ajudando no que podia e sabia. Mas tenho a impressão que se fossem mais dias o sr. Pe. Carlos passaria o cargo a outra pessoa, pois os inúmeros cargos que lhe cabem são bem grandes e pesados.

A Tina também andou ajudando na cozinha.

OBRAS — As obras da Casa-Mãe terminaram.

Os antigos quartos estão agora com outro aspecto; os corredores, as paredes estão com outra vida.

Só nos resta resolver um problema: temos os quartos mas não temos mobília para lá colocar, pois a velha estava em estado lastimoso, não tem conserto possível.

E quantos de vós, Leitores, não teréis por aí mobília empastada, não sabendo o que haveis de fazer-lhe?

Tenham a bondade de no-la oferecer, mesmo um pouco estragada. Para que é a nossa carpintaria?

«Marcelino»

O GAIATO em Espinho, linda cidade, da qual gosto imenso.

Mas qual a razão porque gostei de trabalhar em Espinho? Claro, é uma pergunta um pouco estúpida; mas não importa. Quem vai responder sou eu próprio: durante esses tempos, tive oportunidade de arranjar por lá Amigos, o que significa que procurei de certo modo Amizade que não posso esquecer, sobretudo pelo modo como foi retribuída pelos espinhenses e veraneantes. É, sobretudo, esta Amizade que não poderei deixar de acentuar.

Despeço-me de todos, desejando-vos muitas felicidades; e que passem as férias o melhor possível.

Vosso amigo,

Ganhão

Crónica de Espinho

É a segunda vez que escrevo para o nosso jornal O GAIATO.

Quando escrevo, gosto sempre de me apresentar: sou João Manuel Lourenço Ganhão, natural de Lisboa, onde nasci a 21/12/59. Tenho, portanto, 16 anos. E vou frequentar o 5.º ano do Liceu, o que já não é nada mau.

Como já sabem, fui vendedor de

RETALHOS DE VIDA

O Maurício



Sou o Maurício Alvaro da Conceição, natural de Olhão, onde nasci a 15 de Fevereiro de 1961.

Tenho pai e mãe; e somos 9 irmãos.

Até aos 10 anos andei por lá... Então, chamei a atenção duma senhora amiga que conhecia os problemas da nossa família. Propôs a minha mãe se me podia meter na Casa do Gaiato. Concordou.

Vim com a 2.ª classe e 10 anos de idade, em 1971, para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Fiquei na casa 4, rés-do-chão, sob o cuidado da sr.^a D. Maria Angélica. De manhã ia para a escola e, de tarde, para o trabalho.

O tempo foi passando e concluí a 4.ª classe da Instrução Primária em 1974, portanto com 13 anos. Trabalhava na tipografia.

Agora, com 15 anos, terminei o 2.º ano da Telescola dispensando de exames e espero ir estudar para o Porto.

Devo agradecer à Casa tudo quanto me tem feito.

Sou, ainda, vendedor de O GAIATO no Porto, há 4 anos. E já distribuí também o nosso jornal em Aveiro.

Por hoje é tudo.

Um grande abraço a todos os Leitores, especialmente do Porto e Aveiro.

Maurício Alvaro da Conceição («Tiroliro»)



O mar, as ondas, o iodo, o sol — e um grupo deles em nossa colónia de férias de Azurara.

Calvário

Cont. da PRIMEIRA pág.
to num curral. Correm e ficam contentes de encontrar tudo conforme.

Hoje, alguém que não conheço, fala-me dum doente a viver num curral. Também corro e dou com a verdade, a mesma verdade. Este doente é Cristo em nossos dias. Cristo está sempre a incarnar. E pede aos homens que se disponham a procurá-lo. Pede um espírito muito atento,

muito livre para dar com Ele. Porque o Seu incarnar é sempre aquele que os homens menos esperam. Foi assim. É assim.

No Calvário uma cama está pronta. O mal que atormenta o Armando e as circunstâncias em que o suporta são acusação violenta a uma sociedade. Não queremos acusá-la. Queremos, sim, ajudá-la a despertar.

Padre Baptista

Novos Assinantes de «O GAIATO»

A vida de um jornal, que depende da chama que alumia os redactores, não depende menos do interesse dos seus Leitores. Com O GAIATO tem sido assim, desde sempre. Ele é porta aberta e candeia acesa. E da sua luz todos nos alumiamos. Quantas vezes o Leitor vira redactor e vice-versa?! Aqui está:

«Boa saúde para todos, é o meu desejo. Envio mais uma assinatura. É dum casal sem filhos, que tem bastante de seu!»

Estivemos a falar e eu disse da Obra do Padre Américo. Resultado: queriam deixar alguma coisa quando morressem. Respondi que dessem, mas enquanto por cá estivessem, que a Obra da Rua não aceita he-

ranças. Foi uma ordem expressa de Pai Américo. Nós devemos dar enquanto aqui estamos...»

Quem diria melhor?!

A **procição** é uma coluna riquíssima, onde a gente avia o pulsar do coração, o interesse espiritual da grande massa de Leitores de todos os quadrantes.

Pelas nossas mãos pecadoras passam afirmações de gente cem por cento entregue à divulgação de O GAIATO; e que não poderíamos omitir. Como esta Avó da Foz do Douro:

«Inscrevam uma assinatura de O GAIATO para minha neta Maria..., que fez a 4.ª classe. Espero que lho enviem a partir do próximo número, pois está ansiosa por receber o jornal...»

Outra nota, digna de registro, da capital:

«Como minha filha foi para Moçambique, passo a ser assinante de O GAIATO.»

As famílias vinculam-se de tal modo ao nosso jornal que a falta do assinante titular não bloqueia a remessa!

Mais uma presença de Lisboa, que nos merece muito respeito. Além de «Pobre», é «uma Operária metalúrgica». Ouçamos:

«Sou leitora de «O GAIATO» sempre que o encontro à venda. Mas gostaria de ser assinante e não sei como proceder. Agradeço indicações.»

Há dois anos, aproximadamente, encontrava-me em férias em Entre-os-Rios. E, certo dia, fomos visitar a Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Comoveu-me bastante! Travando conversa com alguns gaiatos, que se encontravam limpando a terra da vinha, a partir daí fiquei pouco mais ou menos inteirada da vida na Casa do Gaiato, pois anteriormente não sabia.

Já disse, sempre que vejo os gaiatos a vender o jornal compro-o sempre. Não só porque gosto bastante da sua leitura como para que eles se sintam satisfeitos e realizados com o seu trabalho...»

Registámos imediatamente o nome e endereço desta Leitora; o suficiente, porque assumiu expressamente o compromisso da assinatura. Quanto ao resto, desobrigar-se-á quando e como puder.

Recebemos novos Assinantes do Porto e Lisboa, Olival Basto, Queluz, Vila Alva, Loures, Linda-a-Velha, Cadaval, Valadares, Torres Vedras, Bombarral, Alcanede e Ovar.

Júlio Mendes

LOURENÇO MARQUES

Cont. da PRIMEIRA pág.

sabiam, disposto a continuar junto dos rapazes desde que tivesse alguma responsabilidade educativa.

Andei um mês com o camião, carregando e descarregando com os rapazes, à espera de orientação. Os próprios rapazes, por sua iniciativa, se foram acomodando, sem que o novo responsável desse orientações ou organizasse tarefas. A única que determinou foi a «produção». «Produção» é uma palavra de ordem em Moçambique. Entende-se que a população tem de subsistir com o seu trabalho e vai daí, toda a gente, quer no mato quer na cidade, era mandada para o campo desbravar terreno, para fazer culturas. Todos os alunos das Escolas faziam produção. Não é o mesmo que produzir, pois que as Escolas da cidade chegaram a semear batatas e milho nos seus recreios. No campo, limpavam ervas para semear amendoim e milho que, infelizmente, produziu um quase nada, dadas as condições técnicas e de terreno em que era feita.

Pois o Seminário da Namaacha tem uma bellissima quinta, donde saía diariamente uma camioneta com hortaliças para a cidade. Tinha galinhas e porcos que ficaram acrescidos com duzentas mais cento e quarenta, respectivamente, que levámos. Em nada disto se ocupavam os rapazes. Fazer produção, ao fim e ao cabo, era limpar ervas. Isto desde que se levantavam até às sete e meia, quando tocava para o café. Depois mais nada. Cada qual se dispersava. Andar de bicicleta, de patins, jogar à bola, ir aos pássaros, passear na vila, ouvir rádio ou discos, deitados na cama, era tudo o que faziam até cerca das onze horas da noite, de cada dia. Praticamente abandonados a si mesmos, alguns fugiram. Era duro ver o desmoronar de hábitos de trabalho e convívio da nossa querida Casa do Gaiato.

Padre José Maria

CARTAS

«Cada vez encontro mais no vosso jornal, aquilo que os homens necessitam: amor. Amor pelo Próximo; amor pela Pátria que nos viu nascer; amor pela Verdade. Obrigada pela coragem que indirectamente me vão dando, para lutar pelo amor...»

«(...) Sou uma assinante da velha guarda, 30841, já muito velhinha, reformada dos CTT, a braços com a doença e a tristeza das horas sombrias que vivemos...»

Muito tem contribuído para o meu conforto moral a leitura do vosso jornal; que ele continue por largos anos a ser o amparo de tantos, dando assim satisfação ao espírito ausente do grande Amigo que foi o nosso Padre Américo.

Se alguma coisa posso merecer, peço-lhes uma oração para que um dia eu possa também descansar em paz na glória celestia para sempre.»

«(...) Mando-vos hoje uma pequena migalha; que ela vá dar de comer a quem tem fome de pão, de justiça ou de amor. E o amor faz tanta falta...!»

Continuarei a ler o vosso jornal e a ir buscar nele um pouco de Força de que preciso para ter a coragem de viver. E a vida em si é tão maravilhosa... Há tanta beleza no mundo... Se os homens não fossem tão pequenos, tivessem a alma cristalina e não tivessem medo do amor...

Felizes os Pobres de espírito! Sou uma gota de água no mar da Humanidade, mas que esta gota de água sirva para dar glória a Deus e também para aceitar com alegria a renúncia àquilo a que permanentemente tinha direito. Que saibamos dizer presente em todos os momentos em que Deus chama por nós.»

UM RECADO

O postal dos caloteiros é sempre desagradável, sobretudo para uma minoria insignificante que respeitamos.

Mais desagradável ainda, para nós, é a irregularidade da sua remessa; só quando temos pessoa disponível e qualificada para o trabalho.

É impossível, nesta acção de rotina, fazer discriminações. Desde que apareça ficha em atraso, «Piloto» escreve o nome e endereço do Assinante e o postal segue para os CTT.

No entanto, a maior parte dos Amigos desobriga-se com a maior compreensão. Alguns até formulam reparos pertinentes, a que não nos poderíamos escusar. Um casal amigo, de Almada, por exemplo, arruma contas em atraso desde 1972 e afirma em dado passo: «Não sei se chega, porque não sabemos quanto é a assinatura por um ano desse tão querido jornal». Nunca fomos pressurosos a dizer o quanto. Preferimos aceitar o critério ou disponibilidade de cada um. Mas, quando somos bombardeados por muita gente, temos obrigação moral de esclarecer: 60\$00 por ano.

Devemos salientar, ainda, o interesse do referido casal pela

expansão de O GAIATO: «Gostava de saber o preço ao certo da assinatura do jornal para podermos dizer a quem perguntar, pois pode ser que arranжемos alguns assinantes.»

«Piloto» está à nossa frente, ocupado no trabalho. Quando tem dificuldades aborda um dos mais velhos, para não fazer asneira. É um serviço de muita responsabilidade...»

O volume do correio que, na época de férias, costuma ser reduzido, aumentou um pouco mais com o serviço do «Piloto!»

Antes de finalizar, e entre vários pontos que mereceriam ligeira reflexão, não podemos deixar de esclarecer os nossos Amigos que remetam sempre uma carta ou postal a acompanhar remessas de numerário seja com que destino for. A nossa contabilidade, apesar de algo mais perfeita que a do velho merceiro, tem um plano de contas complexo e, na ausência de dados — como, aliás, acontece nas empresas de negócios do mundo — a omissão gera confusão. É o caso, por exemplo, de um bom Amigo que nos afirma, algo escamado com certeza: «Com o meu donativo de X, feito em



Es o Coluna e o «Skol» nos degraus da Casa do Gaiato de Lourenço Marques.

Outubro de 1974, julgo ter contribuído, no limite das minhas possibilidades, para a manutenção da Casa do Gaiato e consequentemente do jornal O GAIATO.»

Mas, verdade seja, nem sempre é possível descobrir as intenções — quando as presenças são anónimas ou quase.

Neste aspecto, de há uns anos para cá, temos feito uns

progressozinhos! O que já não é nada mau.

Deixemos o «Piloto» descansado. E se o Leitor quise facilitar-lhe a vida, a nossa vida, faça por cumprir antes que ele escreva o postal. Deixaríamos, inclusivé, de contribuir para os CTT, com 2\$00 por cada um...»

Júlio Mendes

Desabafos...

autores. Justiça é uma coisa e anarquia ou irresponsabilidade é outra.

Jornalista sueco, acompanhado do respectivo fotógrafo, visitou aqui há tempos o maior ou um dos maiores complexos industriais do País, agora nacionalizado. Passando pelas várias fábricas ou departamentos, constatou que pouca gente trabalhava ou ocupava os seus postos, embora, uma vez denunciado, todos se colocassem pressurosos nos seus lugares. Não houve fotografias. Ao chegar ao último local da sua pretendida reportagem deu conta, finalmente, de que alguém trabalhava. Simplesmente, tratava-se duma empreitada concedida a uma empresa particular! Comentava no fim: «É assim que Portugal quer construir uma sociedade melhor? Na minha terra trabalha-se a sério». Onde estavam os trabalhadores? Entretanto, os valores e os bens dessa grande empresa têm sido delapidados das mais diversas maneiras, como é do conhecimento público, enquanto a maior parte dos seus empregados, que pouco ou nada fazem, usufruem dos maiores ordenados em re-

lação à média geral em vigor.

Outro exemplo: No mês passado deslocámo-nos a Lisboa. Entre os encargos que levávamos tratava-se de ir a uma Companhia de Seguros, outra eficiente e próspera, a fim de resolver um assunto duma doente do Calvário. No momento em que chegámos havia várias pessoas à espera na sala de recepção. Dos quatro ou cinco recepcionistas habituais só um se encontrava no seu lugar. Passavam mais de quinze minutos da hora de entrada. Numa ampla sala, ao lado, com todos os requintes e confortos possíveis, enxergámos apenas 3 ou 4 funcionários, falando uns com os outros, em conversa amena; entre secretárias e mesas de trabalho contámos, entretanto, cerca de 20 unidades. Passado algum tempo fomos atendidos e, por mal dos nossos pecados, deficientemente, pois, as informações recebidas até nos levaram a número da rua onde nem sequer existia o departamento da Companhia apropria-

do. Aqui, as mesmas demoras, as mesmas indecisões e a falta de capacidade dos funcionários para responder às questões postas. O que valeu, é que, apesar de tudo, lá nos apareceu alguém competente e capaz. Por todos os lados, num e noutro lugar, não deixamos de encontrar folhas reivindicativas do 15.º mês de ordenado!

Ante os espectáculos que divisamos: trabalhadores que não trabalham, estudantes que não estudam, professores que não ensinam, departamentos que não funcionam — não sabemos se será melhor mandar ficar as pessoas em casa e arranjar ao menos quem leve os ordenados ao fim do mês ou os diplomas dos cursos ao fim do ano! Seria mais económico e prático, embora, talvez, desta, não fôssemos originais, dado que nos chega de França a notícia duma campanha «para abolição de qualquer forma de trabalho», por iniciativa do «Grupo de Resistência para a Abolição do Trabalho». E até

pode ser que o maná e as codornizes caíam do Céu...

Que nos perdoem os nossos Leitores. Com coisas sérias não se brinca, mas às vezes parece-nos estar sonhando ou partilhando da vida dum grande manicómio, embora até nestes já seja corrente a terapêutica ocupacional ou ergoterapia. Como queremos construir um País mais feliz se não trabalharmos todos? De que estamos à espera? Mais justiça e mais equitativa distribuição? Sem dúvida! Como conseguir,

porém, esses objectivos sem dar o corpinho ao manifesto? E não esqueçamos que, para lá do mais, como escreveu Pai Américo, «a ociosidade é mãe de todos os vícios; o trabalho é pai de muitas virtudes».

Um desabafo. Mas com desabafos nada resolvemos. Se dos homens mais responsáveis ao mais humilde dos trabalhadores, se vivesse empenhado em trabalhar mais e melhor para construirmos um Portugal renovado! Mas que ao menos o exemplo venha de cima!

O 1.º volume do «Pão dos Pobres»



Eis a capa do «PÃO DOS POBRES». Sugestiva. Realista. É Pai Américo subindo o calvário de um barredo; dos muitos barredos onde vegetam centenas de milhares de portugueses, que esperam casa decente, onde a luz do sol entre a jorros por janelas rasgadas.

Ao cima da escada, o Pobre aguarda timidamente a visita do seu Amigo. Ninguém me-

lhor do que Pai Américo para contar:

«O Zé Francisco mora ao pé das telhas; é mesmo uma de vidro que empresta ao pequenino quarto a pouca luz que ele tem. Quando a fome lhe morde, desce o escadório e vem prostrar-se à esquina, a pedir pão. Já pisou Lázaro e Co-vões a tossir; e continua no mesmo peregrinar.

O casarão onde habita é um

desses monstros da Beira, ocupado por gente fechada em copas e regido pela tremenda sublocatária; e porque não paga renda, fecharam-lhe a luz, a água e a lareira.

O Zé Francisco é um cadastrado em liberdade vigiada, meu amigo das enxovias, onde tantas vezes se viu obrigado a maldizer a batina negra; que naqueles antros do vício, uma palavra de bem é moeda que não passa. Mas agora, libertado dos companheiros, mudou-se a cor da batina porque ele também mudou. «Mulher, havemos de nos casar neste lugar de morte.» O Pobre não sabe a doutrina do Sacramento, mas sente algo da sua beleza: «Sim, Maria, há mais respeito. A Igreja vem-me buscar e tu serás a minha viúva e não a mulher que viveu com um homem, arrastada.»

É uma página do «PÃO DOS POBRES». São trezentas e tal páginas assim!

A sobrecapa da obra é uma panorâmica de Coimbra; da torre da Universidade às margens do Mondego. Ali gatinhou Pai Américo os primeiros passos da sua acção nas baíucas. Ali escreveu, em letras de sangue, o que os Pobres lhe ditaram. Por isso ele cita, logo no início do livro: «Tira as sandálias dos pés que é santo o lugar que pisas».

Nos últimos dias, apareceram algumas cartas ou postais, de Assinantes da nossa Editorial, refilando por ainda não terem recebido o volume. É uma ansia justificável, pois a encadernação atrasou-nos a vida! Mas, agora, já todos estão servidos. E, nós, prontos a servir outros mais.

Júlio Mendes

Pobres

Nas zonas rurais não se perderam riquezas de valor transcendente. E é nos Pobres, ditos mais pobres, que as detectamos em maior intensidade.

Ela criou quatro filhos com imensas dificuldades. Sofreu as consequências amargas de duas guerras mundiais e o atraso de uma Lavoura degradada. Heróina! O seu braço e o do marido foram sementeira e colheita.

Esta gente viril que sofreu escandalosa marginalização, tem muito que nós dar!

Encontrámos a velhinha, de roda do seu quintaleco, em situação incómoda e perigosa, enquanto expriávamos a vista por grande parte do Vale do Sousa. Um panorama surpreendente!

— Passei a noute a cismar nas ameixas...

— V. pode cair do barranco e ficar magoada!

Pegamos-lhe no braço, mirrado pela idade, e fomos por um mocho à beira da lareira.

— Agora vejo mal. Muito mal. Estou a ficar cega. São noventa e cinco anos! E adei ouço muito pouco. Fale mais altinho pró compreender.

Obedecemos.

— Com esta idade, sabe?, temos de ter paciência. Muita fé e esperança. Nós somos lá de Cima...

— Esfrega os olhos. Ajeita a saia. E continua:

— Uma vida na laboira, de sol a sol, fica no sangue da gente. Não posso estar queta!...

Insiste:

— O que nos segura é a fé. Q'ando não posso andar por lá, esta é a minha enxada.

E mostra o Terço do Rosário; contas já muito gastas. Que sementeiras e colheitas proporciona com esta arma da Paz!

Despedimo-nos d'alma cheia.

Subimos, depois, a avenida da nossa Aldeia, procurando a sombra do arvoredado. E, neste subir, lembrámos os Rosários de Pai Américo. «Este é o meu brevíário...»

Ao cima, junto da casa 4, damos com se Zé da Toca agarrado ao bordão! Os olhos riam. E ficamos admirados de o ver por cá, a estas horas.

Ele conhece as pedras da moradia; muitas das quais passaram por suas mãos.

— Vim matar saudades. Dantes (referia-se às placas de betão para a moradia em obras) não havia nada disto!... Uns fazem, outros desfazem e voltam a fazer. A vida é assim.

Entretanto, bota os olhos pela largueza da quinta. E, caso curioso, a estiagem não o aflige!

— O ano vai muito seco? Vai. Não m'alembro de tal! Mas Deus compõe a todos. Hão-de vir melhores dias. Deus compõe a todos!, repete com ênfase.

A segurança do Mundo não está na segurança de grilhetas sofisticadas... Mas nestes homens simples, nestes homens de Deus, cuja Filosofia a rudeza da terra lhes dá, sem compêndios nem manipulações.

Fita de novo a casa 4, cujo nome vem da ordem de construção da nossa Aldeia.

— Foi alevantada com os meus braços. Tempos difíceis! Não havia melhão; não havia acaje nada... E o q'havia custava boas notas. Naquele tempo, se não fosse o sr. Padre Américo a gente passava muita fome!

Ele o disse. E nós também.

Júlio Mendes



Gaiato

PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa